

OPINIÃO

Saúde-Trabalho-Ambiente-Direitos Humanos & Movimentos Sindical e Sociais

24-09-2021

SOPA DE OSSO

Cyleide Lourenço

[Cozinheira. Trabalhadora conversadeira]

Gravando... Até tento acompanhar as desgraças do Brasil de hoje ... mas são tantas ... No feriado de 7 de setembro, fizemos uma feijoada aqui na comunidade (qualquer dia vou mandar uma receita de feijoada). Da feijoada eu só não preparam a caipirinha porque é a única coisa que eu erro a mão. Às vezes carrego na cachaça, às vezes no açúcar, às vezes no limão. Deve ser porque dois bichudos não se beijam. Sempre tem algum homem bobo por perto achando que só macho sabe fazer caipirinha. Passo a tarefa pra algum deles e depois fico só olhando o “*barman*” pelos cantos passando mal e sussurrando que acha que bebeu demais.

Mas, a feijoada não foi a que eu gosto mais, com o som tocando um pagode e a turma rindo gostoso enquanto me esfalto na cozinha. Me esfalto e fico rindo junto do besteirol. Mas, esse era um feriado diferente. Tiana, minha sobrinha, insistiu pra gente acompanhar pela televisão a fala do bestão. Ela estava preocupada porque o bestão tinha anunciado que o dia 7 seria o dia da independência do Brasil pra voltar ao tempo da escravidão. Voltar ao passado é o que o bestão gosta de fazer. Falei com a Tiana que o passado da escravidão ainda estava presente, afinal a minha freguesia do Leblon me assegurava isso. Mas Tiana me convenceu que dessa vez a coisa era pior. O bestão está querendo voltar a um passado na Europa no tempo em que o Brasil nem tinha sido descoberto. Ainda nem havia tráfico negreiro. Era o tempo em que os negros viviam sossegados na África e que a religião dos brancos queimava brancos se não fossem da religião deles. Principalmente mulheres brancas. A religião branca ainda não tinha pretos nem índios para serem queimados ou pior escravizados....

Acabei ligando a televisão e esqueci um pouco o pagode pra prestar atenção. Lá pelas 4 horas, a feijoada já estava quase toda comida quando ouvi o bestão falando que não ia mais obedecer ordem judicial. Me animei. Lembrei de um perrengue na delegacia do Leblon, há um tempo atrás, em que um convidado de um almoço de bacana, cheio de cana ou de pó, sei lá, me deu um esbarrão e deixei cair um pouco do prato na calça dele. Ele mandou: “*Crioula escrota, cozinheira de merda, veja o que você fez.*” Respondi na hora “*escroto é você, seu branquelo filho-da-puta.*” Não deu bom. Me rendeu essa conversa. Teve ação e tudo. Na época, juro que se o juiz me mandasse em cana por causa disso eu ia fazer igual ao bestão: ia dar um jeito de não obedecer.

É nessa hora que Tiana me acalma e cuida de mim.

“*Tia, numa sociedade democrática, mesmo injusta, o Poder Judiciário ainda é a nossa última esperança. O que o bestão*

quer é que essa justiça seja a favor do poder branco, do poder econômico, do poder político corrupto e fascista para nos oprimir mais ainda e, se possível, nos eliminar, como aliás, já está sendo feito.” Eu que já tenho horror do bestão, falei pra Tiana, que eu tinha tido um pequeno deslize, como sempre faço com as caipirinhas. Mas que ela não se preocupasse pois da boca de bestão só pode sair besteira... Inclusive, durante a sua fala pra que monte de gente branca em São Paulo, enrolado na bandeira brasileira, eu achei que ele ia se desculpar pelo genocídio na pandemia, pela inflação (nossa feijoada saiu bem mais cara do que a última há uns quatro meses), pela besteira que ele havia falado sobre comprar fuzil e chamar de idiota quem diz que o feijão é mais importante do que comprar fuzil. Que tristeza! Ainda mais quando a gente está fazendo feijoada ao invés de praticar tiro ao alvo no povo da favela. Pensei que ele ia falar também da miséria aumentando e da conta de luz e de gás. Lembrei também da sopa de osso. É bom esclarecer que na favela só se fala crioula e branquelo com carinho e ironia, não como ofensa, mas nunca entendi porque a bandeira brasileira não tem a cor preta. Falei com a Tiana pra gente propor um abaixo assinado, quem sabe pra CUFA [Central Única das Favelas], pra incluir a cor preta na bandeira brasileira. Pode até ser só as letrinhas sobre o fundo branco. Ela riu. Entendi e voltei ao assunto da sopa de osso. Primeiro os ingredientes, lembrando que os ingredientes são usados proporcionalmente, dependendo do público do sopão. Vamos preparar uma sopa mais modesta: 4 ossos com tutano (pode ser de vaca, de frango ou de peru) + 2 colheres de sopa de vinagre (melhor) de maçã + uma cebola grande + 4 dentes de alho bem picadinhos + uma cenoura + 2 talos de salsão + salsinha, sal e pimenta ao gosto + água pra fechar o volume desejado. É bem simples o preparo: Com os ossos na panela, adicione a água e o vinagre. Deixe descansar por uma hora. Leve ao fogo alto até ferver e retire a espuma até que o caldo fique claro. Isso demora de 20 a 30 minutos. Com a baixa da temperatura, adicione os demais ingredientes e deixe a sopa cozinhar em fogo baixo de 4 a 8 horas. Quanto maior o tempo de cozimento, mais concentrado e nutritivo o caldo ficará. Ao desligar o fogo, coe o caldo e retire as partes mais sólidas (que não dê pra mastigar). A sopa pode ser tomada com pedaços de pão, batatas ou, ao gosto do freguês, até mesmo bananas. A sopa pode ser congelada sem problemas (se é que vai sobrar). Ah! Esqueci de dizer que essa receita me ocorreu porque as pessoas estão passando fome com o governo do bestão. As filas em busca dos ossos pra fazer sopa, no Mato Grosso, junto às sobras do agronegócio pop, me chocaram. Insisti com Tiana pra trazer essa receita. Ela me questionou e eu justifiquei dizendo que já que não temos, por enquanto, como tirar o bestão do poder, vamos aprimorar as sobras dos miseráveis para saciar a sua fome.

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.